



CONFERÊNCIA E SE PORTUGAL SAIR DO EURO?



Saída do euro gera mais dúvidas do que certezas

Maioria dos economistas defende a permanência de Portugal na moeda única, apesar das dificuldades actuais.

Marta Moitinho Oliveira
e Paula Cravina de Sousa
marta.oliveira@economico.pt

“Se sair da zona euro fosse fácil eu era a favor”. A frase foi ontem dita pelo ex-ministro das Finanças, José Silva Lopes, e resume bem as dúvidas e os riscos identificados num cenário de possível abandono do espaço da moeda única por parte de Portugal. Na conferência organizada pelo Diário Económico sob o tema: “E se Portugal sair do euro?”, os economistas não foram unânimes nas vantagens da opção de saída e defenderam vários cenários na resposta à crise.

João Ferreira do Amaral, expôs a tese do seu livro “Porque devemos sair do euro”. Apesar de reconhecer que “a saída do euro não é um passeio que se faz com toda a facilidade”, o professor do ISEG defendeu que, com a actual situação de debilidade do sector dos bens transaccionáveis - com a indústria a pesar apenas 13% no PIB - e as elevadas taxas de desemprego, “é insustentável a permanência de Portugal na zona euro”. A isto soma-se um risco: a valorização do euro que acontecerá se a zona euro estabilizar e, nesse caso, “teremos aí sim uma catástrofe para a nossa economia”. “Qualquer pessoa com uma análise fria vê que Portugal não tem condições para permanecer na zona euro”, concluiu.

Também Pedro Arroja considera que “foi um erro grandioso” Portugal entrar no euro, pensando-se que na Europa “os países eram todos iguais”. O especialista considera ainda que deverão ser a Alemanha e os países nórdicos a sair do euro e não Portugal, até porque “Portugal tem uma cultura feminina”, enquanto os países nórdicos têm uma cultura masculina. Para Arroja, “a cultura de mulher torna-nos grandes gastadores”, sendo Portugal “um país importador por excelência e daí o défice crónico”. “A Europa é, portanto, uma grande casa com homens e mulheres”,

sendo que, “normalmente, quem sai de casa é o homem”. Assim, se for feito um referendo nos países do Norte, provavelmente o resultado será a saída do euro por parte daqueles países.

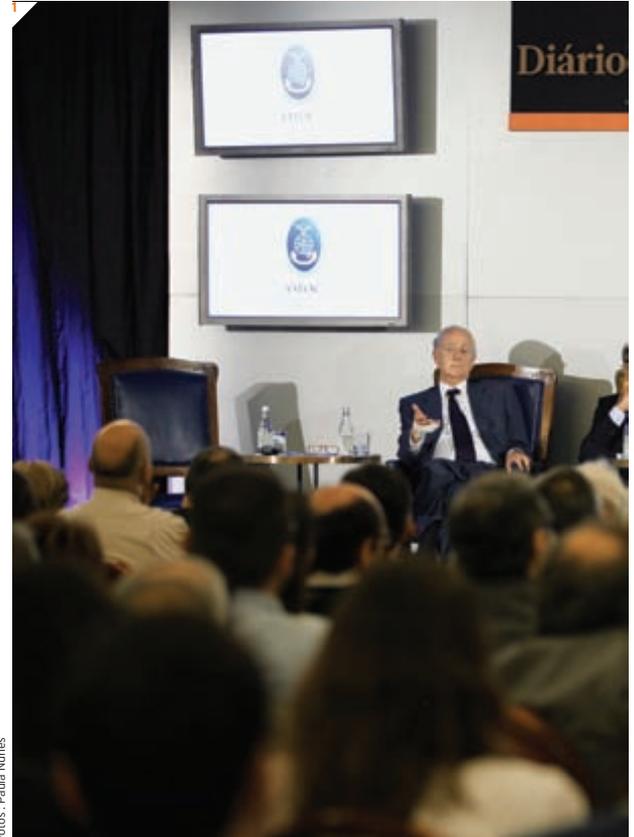
Contudo, há sempre o reverso da moeda. José Silva Lopes defende que é “praticamente impossível” abandonar o euro. Isto porque não há legislação que enquadre a saída da zona euro que também não pode ser

negociada ‘a priori’. Este foi também um dos argumentos utilizados pelo presidente do BIC, Luís Mira Amaral, que lembra que uma das consequências desse cenário seria a retirada de dinheiro dos bancos portugueses por parte dos depositantes. Além disso, o ex-ministro da Indústria de Cavaco Silva frisa que a saída do euro “é um convite a salários mais baixos”, uma tese que João Ferreira do Amaral admitiu acontecer num primeiro instante estimando em 6% o impacto que a desvalorização teria nos preços e por isso nos salários. Mira Amaral defende que para Portugal sair da crise deve optar por uma austeridade suave, que vá esperando que a Alemanha compreenda e suavizando “alguma coisa”.

Também do lado da permanência do euro está Ricardo Cabral, professor de economia da Universidade da Madeira, que sugere uma reestruturação da dívida com redução dos juros e alongamento das maturidades. Já o presidente do ISEG, João Duque, admitiu não ter, num primeiro momento, “uma visão a favor ou contra de Portugal fora do euro”, acrescentando ter muitas dúvidas. O especialista questionou o que aconteceria aos contratos, aos depósitos, créditos e dívida pública se coexistissem o escudo e o euro e acabou por reconhecer que se inclina mais “para um grande desconforto com a saída de Portugal do euro”.

O bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), Domingues Azevedo, vê “vantagens para a economia portuguesa continuar no euro”, mas adverte que falta resolver uma questão de fundo que “é manter uma Europa unida com todas as suas diferenças mas com um elo forte”.

Perante tantas dúvidas, o único orador alemão, Wolfgang Kemper, CEO da empresa Filkemp, revelou uma certeza: “é ridículo” discutir a saída de Portugal do euro. ■



Fotos: Paula Nunes



O MOMENTO

João Duque surpreendeu ao pedir à assistência que calculasse qual seria a taxa de câmbio escudo/euro num hipotético dia seguinte à saída de Portugal do euro, tendo em conta que a paridade fixada no primeiro dia era um escudo por um euro. Obteve 112 respostas das quais aproveitou 74 - as outras tinham valores muito díspares de 30, 40 ou mesmo 300 e 400 - que deram uma média de 1,977 escudos por cada euro, entre um máximo de oito e um mínimo de 0,25, sendo os números mais frequentes 1,5 e 2.

PONTOS-CHAVE

▶ “É praticamente impossível abandonar o euro”, defende o ex-ministro das Finanças, José Silva Lopes. Não há enquadramento legislativo e não pode ser negociado ‘a priori’.

▶ Portugal tem condições ímpares para vender pacotes turísticos e produtos agrícolas e industriais à Alemanha, não pode é ficar à espera que cá venham comprar, diz o empresário de origem alemã Wolfgang Kemper.

▶ A crise facilitou o “reaparecimento da linha do Directório com o protagonismo excessivo e inquietante da chanceler da Alemanha”, afirma Adriano Moreira.



AS QUATRO HIPÓTESES EM CIMA DA MESA

Deixar tudo como está

Deixar tudo como está é a opção defendida por José Silva Lopes. O ex-ministro das Finanças considera que entre “a desgraça actual” e a “aventura” que seria uma saída do euro, a primeira é preferível. “A minha esperança é que os alemães se censem da zona euro”, afirmou o economista. E nessa situação - ou seja, se a Alemanha sair do espaço da moeda única - acabará por acontecer mais tarde uma reestruturação da dívida à escala mundial, como aconteceu na

década de 30 e em 1953, recordou o ex-governador do Banco de Portugal. Silva Lopes, que vê muitos riscos na saída do euro, deixa, porém, um aviso: se não se avançar na área da “federalização orçamental não vejo que a zona euro possa subsistir”. A política de austeridade irá continuar, refere o economista, rejeitando a hipótese de dar estímulos ao consumo privado. O reforço do crescimento das exportações é determinante, defendeu.

Austeridade suave

O caminho da austeridade suave foi ontem defendido por Luís Mira Amaral, presidente do banco BIC Português. O ex-ministro da Indústria criticou o actual Governo, lembrando que este cometeu o mesmo erro que o Executivo de Durão Barroso ao pensar que resolvia todos os problemas com a escolha de um “superministro das Finanças”. “Tinha de ter havido uma austeridade mais inteligente do que aquela que foi seguida”, defendeu o economista. Agora, a solução é

ir lutando por ajustamentos, aproveitando as brechas abertas pelo Governo alemão. “É esperar que a Alemanha compreenda e que suavize alguma coisa para ir aguentando isto”, concluiu. Desde o início do programa de ajustamento, em 2011, o Governo aplicou medidas de austeridade num valor superior ao fixado, apesar de ter obtido duas flexibilizações das metas do défice. Estas suavizações aconteceram sempre quando o incumprimento era evidente.

Reestruturação da dívida

A permanência no euro acompanhada de uma reestruturação da dívida foi a solução defendida pelo economista da Universidade da Madeira, Ricardo Cabral. Para este professor de Economia, a descida dos juros e o alargamento das maturidades dos empréstimos fazem parte da resposta à crise. O objectivo é ter mais tempo para pagar a dívida. Este é um dos caminhos que o Executivo tem seguido, estando aliás neste momento à

espera da aprovação formal de uma extensão das maturidades dos empréstimos europeus em 7,5 anos. O alargamento das maturidades está também a ser oferecido à Irlanda. Ao mesmo tempo, o Executivo de Passos Coelho já defendeu que para cumprir o programa deverá ser precisa uma nova flexibilização das metas do défice. Para 2014, o Ministério das Finanças tem previsto um défice orçamental de 4% e para 2015 um défice de 2,5%.

Saída do euro

A saída do euro foi ontem analisada sob vários cenários a favor ou contra. O economista João Duque, por exemplo, falou em dois cenários: um em que Portugal e mais alguns países abandonariam a moeda única e outro em que a tensão na zona euro se agravaria de tal modo que a única solução seria um abandono total do euro (“big bang”), com os países a regressarem às respectivas moedas. Na primeira hipótese, as dúvidas são muitas, com a incerteza quanto ao que aconteceria aos contratos, juros, dívida, depósitos perante a coexistência de duas moedas. “Seria o paraíso para juristas e advogados”, referiu o presidente do ISEG, tamanha iria ser a confusão. Por outro lado, a saída do euro iria

desvalorizar os salários. Já o economista Pedro Arroja defendeu a saída do euro, mas da Alemanha. Para Arroja, essa saída será benéfica, uma vez que, dessa forma, o euro desvalorizava e as exportações portuguesas tornavam-se, mais baratas face aos produtos alemães, mais caros. E, por outro lado, o emprego subia. João Ferreira do Amaral tem ainda outro cenário para o abandono da moeda única, tese que defende. “É insustentável a permanência de Portugal na zona euro”, perante a debilidade do sector de bens transaccionáveis e da elevada taxa de desemprego. Já Wolfgang Kemper, CEO da Filkemp é peremptório perante este cenário: “O país simplesmente ia à bancarrota”.

- 1 Participaram no primeiro painel Wolfgang Kemper, Pedro Arroja, João Duque e António Domingues de Azevedo.
- 2 O bastonário da OTOC quando cumprimentava Adriano Moreira.
- 3 José Silva Lopes numa troca impressões com Luís Mira Amaral durante o intervalo.
- 4 Aspecto da assistência de 200 pessoas durante a conferência sobre o euro que decorreu no Pestana Palace Hotel, em Lisboa.





CONFERÊNCIA E SE PORTUGAL SAIR DO EURO?



Fotos: Paula Nunes



1 O segundo painel reuniu Ricardo Cabral, Luís Mira Amaral, José Silva Lopes e João Ferreira do Amaral.

2 Adriano Moreira no momento em que se dirigia ao palco para intervir na sessão de encerramento, sob intensos aplausos da assistência.

3 Wolfgang Kemper e João Ferreira do Amaral conversaram após o final da conferência nos jardins do Pestana Palace Hotel.

4 Aspecto parcial da pausa para café.



“Há condicionamentos políticos” que aj

Adriano Moreira defende que para responder à crise é preciso lembrar os erros passados. O facto de os p

Marta Moitinho Oliveira
marta.oliveira@economico.pt

A crise é económica, mas há factores políticos externos que ajudam a explicá-la. A tese foi sustentada ontem por Adriano Moreira que, apesar da actual situação, defende que Portugal deve permanecer no euro e explorar duas “janelas de liberdade”: o mar e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

“Há condicionamentos políticos” para a situação actual, afirmou o presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa no encerramento da conferência organizada pelo Diário Económico “E se Portugal sair do euro?”. “Talvez para res-

ponder à crise haja vantagem em tentar enumerar alguns erros deste passado de meio século, para que não sejam repetidos, e que fortaleça uma política, se ainda possível, de recuperação”, defendeu o antigo presidente do CDS. A política “furtiva que se traduziu numa evolução sem participação dos povos nem dos parlamentos nacionais, que apenas conheceram as políticas pelos seus efeitos”, as “fissuras na solidariedade atlântica” e o “alargamento da União (...) que não foi precedido de qualquer estudo de governabilidade” são alguns dos erros apontados por Adriano Moreira.

Além disso, o também antigo ministro do Ultramar elenca outras três falhas que deter-

Mar e CPLP são “janelas de liberdade” que Portugal deve explorar para sair da crise, diz o ex-presidente do CDS, que defende que Portugal deve continuar no espaço do euro.

minaram a actual crise. A saber: uma “política de segurança e defesa comum, definida sem qualquer estudo sobre as fronteiras amigas ou adversas”, a “pretendida reorganização da governança pelo Tratado de Lisboa [que] não conseguiu racionalizar os centros de decisão” e o facto de crise ter facilitado o “reaparecimento da linha do directório com o protagonismo excessivo e inquietante da chanceler da Alemanha”.

Aproveitar “janelas de liberdade” para sair da crise

Tendo em conta os erros do passado, o que deve fazer Portugal no presente? A “complexidade de dependências e interdependências implica que,

para construir um futuro, países com as debilidades portuguesas, que se encontram em muitos dos países ocidentais, talvez mais agravadas, aconselham a busca de janelas de liberdade que levem a encontrar os apoios necessários noutras estruturas e latitudes”, explicou Adriano Moreira. O especialista em relações internacionais referia-se ao mar - e neste aspecto defendeu a aprovação da plataforma continental - e à CPLP, que permite juntar países marítimos “todos da geografia da pobreza e todos com as suas especificidades, ligados pela maneira portuguesa de estar no mundo”.

Além destas novas apostas, Portugal deve manter-se, ao mesmo tempo, no espaço da



ENTREVISTA WOLFGANG KEMPER CEO da Filkemp

Sem o euro “ficaríamos miseravelmente pobres”

Portugal pode oferecer produtos muito atractivos ao mercado alemão.

Paula Cravina de Sousa
paula.cravina@economico.pt

O ex-presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alema e actual CEO da empresa Filkemp, Wolfgang Kemper, defende que nem Portugal nem a Alemanha devem abandonar o euro. Mas é preciso saber vender Portugal e atrair investimento.

E se Portugal sair do euro?

Portugal não deve sair do euro. Nós não vamos ter outra vez aquela indústria que tivemos nos anos 80. Essa indústria desapareceu e não vai aparecer de novo. Competimos com países que têm salários muito mais baixos do que nós. Para que serve então a desvalorização da moeda? Ficaríamos miseravelmente pobres e teríamos de pagar as matérias-primas aos preços internacionais.

Durante a conferência, falou-se na possibilidade de a Alemanha sair do euro. Esta hipótese é mais plausível?

Tampouco a Alemanha vai sair do euro. Temos uma ligação tão forte com o resto da Europa e não devíamos desejar que a Alemanha saia. Se a Alemanha sai, todo o dinheiro que está na banca em Portugal sai. Isso não se faz numa sexta-feira à noite. Seria um referendo nacional. Todos os depositantes de dinheiro em Portugal vão depositar esse dinheiro na banca alemã. Lógico. Se a Alemanha sai, se Portugal sai, perderemos sempre a chance de os nossos bancos se financiarem.

Disse que Portugal vende-se mal lá fora, que há muitas oportunidades, mas Portugal vende-se mal. O que é que não resulta?

Nos países da América Latina e em Angola há possibilidades grandes. Mas as nossas PME não têm agentes na Alemanha. Por exemplo, falei com o dono de uma empresa que factura 80 milhões de euros e que diz não ter ninguém na Alemanha. Temos que ir ao mercado. Com o nosso nível salarial, podemos oferecer ao mercado alemão produtos atractivos e existem muitas empresas portuguesas que o fazem. E temos de nos

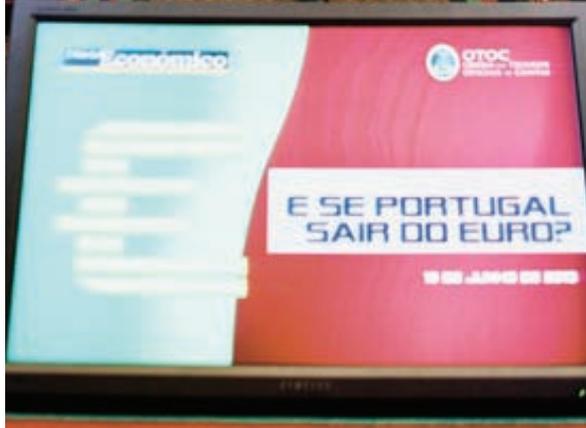
vender com dignidade, sem pedir esmola.

O ministro das Finanças, Vítor Gaspar, afirmou que este é o momento do investimento. Este objectivo será fácil de concretizar?

Tem de se perceber primeiro que tipo de investimento. A Alemanha tem um mercado muito grande em máquinas e automóveis e a indústria automóvel caiu 6% na Europa este ano. A Autoeuropa aqui está a mandar 400 trabalhadores para outras fábricas, porque os automóveis produzidos em Palmela não se vendem tanto. O consumo caiu, evidentemente, porque toda a gente tem medo na Europa. Se queremos investimento temos de ter alguma fantasia. Se fosse primeiro-ministro, convidava os empresários com capacidade para fazer alguma coisa, estes poderão falar com os respectivos fornecedores e com os directores para o investimento. Temos que incentivar as pessoas a vir até aqui. ■



“Temos que incentivar as pessoas a vir até aqui [Portugal].”



judam a explicar a crise

povos só conhecerem as políticas pelos seus efeitos é um deles.

moeda única. “O euro é uma marca de importância histórica vital para o projecto da unidade a concluir e da governança a organizar”, afirmou Adriano Moreira, argumentando que “abandonar o euro é recuar no processo de unidade”. O também presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa recordou que Portugal não pode isolar-se. “Portugal, que por experiência histórica sempre precisou de um apoio externo, estaria colocado perante um desafio sem exemplo passado que o ilumine, para encontrar um novo regionalismo (...) e não tem orçamento para recolher as migalhas que lhe permitam responder orgulhosamente só”, defendeu. ■

Os recados de Adriano Moreira para Gaspar

“Fiquei muito feliz de ouvir dizer aqui que a economia não é uma ciência exacta”. Foi assim que Adriano Moreira começou a intervenção que marcou o encerramento da conferência. Aproveitava as palavras de Mira Amaral - que no painel anterior tinha usado aquela justificação para explicar por que passou das engenharias para a economia - para deixar um recado: “Gostaria que pudessem comunicar

isto ao ministro do Orçamento”. A mensagem tem como destinatário Vítor Gaspar que tem sido acusado de decidir com base apenas nos resultados proporcionados pelo Excel. Mais à frente repete o recado, desta vez para lembrar que o “Estado português sempre exigiu um apoio externo”. Adriano Moreira contou que Afonso Henriques pediu dinheiro ao Papa e nunca pagou. **M.M.O.**



Ministro das Finanças, Vítor Gaspar